

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 2\$00
ASSINATURA ANUAL 20\$00

Ano III — Número 36

Dezembro de 1965



O Natal de Jesus

A Cristandade celebra o Natal de Jesus, isto é, a comemoração do seu nascimento, de 24 para 25 de Dezembro. Trata-se de uma data que adquiriu foros tradicionais, mas que não corresponde à realidade. Astrónomos, historiadores e teólogos são, hoje, unânimes em afirmar que o dia 25 de Dezembro do ano zero, não corresponde à data autêntica do nascimento do Salvador. Esta data foi apresentada pelo monge cita, Dionísio o Pequeno, ou Dionísio o Exíguo, que viveu no século quarto. Estava ele em Roma, quando no ano 553 recebeu o encargo de determinar qual devia ser o princípio da nova era. Esqueceu-se, porém, de levar em conta o ano zero, que devia ser intercalado entre o ano primeiro, antes, e o ano primeiro, depois de Jesus Cristo; também deixou de contar os quatro anos em que Augusto reinara com o nome de Octávio, que era o seu nome próprio. Temos, portanto, um erro inicial no cômputo dos anos para a determinação do nascimento do Salvador.

A Sagrada Escritura diz-nos: «Tendo, pois, nascido Jesus, em Belém de Judá, no tempo do rei Herodes» (S. Mateus 2:1).

Sabemos quem era Herodes, quando viveu e reinou; foi nomeado rei de Judá, no ano 40 antes de Jesus Cristo; sabe-se que morreu no ano 4, antes de Jesus Cristo; portanto, o Salvador deve ter nascido, antes deste ano.

O dia 25 de Dezembro é mencionado, pela primeira vez, como festa do Natal, no ano de 354. Foi reconhecido, legalmente, dia festivo, pelo imperador Justiniano.

Para a escolha deste dia desempenhou papel preponderante uma festividade da Roma pagã, que comemorava, precisamente no dia 25 o «dies natalis invicti», isto é, o «dia do nascimento do invicto», que era o dia do solstício do Inverno. Neste dia, que era o último das Saturnais, toda a cidade de Roma

tresloucava em orgias carnavalescas; era mesmo o Carnaval, que consistia em toda uma semana de desenfreamento.

O Natal de Jesus não foi, nem a 25, nem em Dezembro.

Jesus nasceu para nos salvar: foi o seu primeiro advento.

«Veio para os seus, e os seus não o receberam». Nasceu humilde e desconhecido de todos.

Mas o Senhor voltará; prometeu; cumprirá, como sempre cumpriu a Sua palavra divinamente honrada.

Agora, nestes dias que a Cristandade recorda o doce nascimento do Salvador, recordemos, também, o grande amor que tal acontecimento encerra.

«A história de Belém é inexaurível. Nela se acham ocultas «as profundidades das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus». Maravilhamo-nos do sacrifício do Salvador em permutar o trono do Céu pela manjedoura, e a companhia dos anjos que O adoravam pela dos animais da estrebaria. O orgulho e a presunção dos homens ficam repreendidos na sua presença. Todavia, esse passo não era senão o princípio da Sua maravilhosa condescendência... «Deus permitiu que Seu amado Filho viesse a este mundo, como uma impotente criancinha, sujeito à fraqueza da humanidade... Nisto está o amor! Maravilhai-vos ó céus! e assombrai-vos ó terra!» (O Desejado de Todas as Nações: cap. IV).

Alegremo-nos no Senhor pela dádiva preciosa do Seu divino Filho; mas alegremo-nos, principalmente, pela iminência da Sua Segunda Vinda. Vivemos, agora, na «plenitude dos tempos». Tanto quanto foi humilde o seu Primeiro Advento, assim será glorioso o seu Segundo Advento. Tudo nos indica que o Senhor já está às portas; já está no limiar; já tem a mão no trinco...

«Aquele que testifica estas coisas diz. Certamente cedo venho. Amém. Ora vem, Senhor Jesus».

«E o Verbo se fez Carne»

Recorda a Cristandade, neste mês de Dezembro, o nascimento do Salvador. Por mais de mil anos aguardara o povo judeu a vinda do Salvador. Nesse acontecimento fundamentara as suas mais gloriosas esperanças. No cântico e na profecia, no ritual do templo e nas orações domésticas haviam envolvido o Seu nome. Entretanto, por ocasião da Sua vinda, não O conheceram. O Bem-Amado do céu foi para eles «como raiz duma terra seca»; não tinha «parecer nem formosura»; e não Lhe viam beleza nenhuma para que O desejassem. «Veio para o que era Seu, e os Seus não O receberam» (O Desejado de todas as Nações, cap. II).

S. João, no início do seu Evangelho, com vôo de águia eleva-se a contemplar a geração eterna do Verbo e a sua encarnação.

«No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus. Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez. N'Ele estava a vida, e a vida era a luz dos homens... E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a Sua glória, como a glória do Unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade» (S. João 1:1-14).

Infelizmente, este magnífico prólogo do Evangelho de S. João não é, devidamente compreendido pela maioria dos Cristãos, quer pela pouca atenção que lhe prestam, quer porque nele se resumem em breves mas expressivas palavras, a origem eterna e a acção universal do Verbo até à sua encarnação, por nós.

E quem é, afinal, este Verbo, que se fez carne?

«Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo».

Com estas palavras, Pedro pretendia declarar ao Mestre que Ele era não só o Messias, mas também o Filho de Deus, num modo especialíssimo, superior a todos os outros seres, que são filhos de Deus por criação; mas Jesus é o Filho de Deus, por natureza.

«Todo o espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do anti-Cristo do qual já ouvistes que há-de vir, e eis que está já no mundo.» (I João 4:3).

João associa-se a Pedro no reconhecimento do Filho de Deus e condena os que o negam, considerando Jesus como um simples homem, embora santo e grande.

Quem não reconhece Jesus como Cristo, nega o Filho, porque Jesus é o Filho de Deus manifestado homem.

Quando veio a revestir-se da natureza humana declarou-se «Eu sou». O menino de Belém, o manso e humilde Salvador não é outro senão Deus «manifestado na carne» (I Timóteo 3:16.)

«Deus conosco» representa a segurança da nossa libertação do pecado, a garantia do nosso poder de obedecer à lei do Céu. «Emanuel... Deus conosco». A luz do conhecimento da glória de Deus é visível no rosto de Jesus. Desde os dias da eternidade o Senhor Jesus era um com o Pai; era a imagem da sua grandeza e majestade, a manifestação da sua glória.

Foi precisamente para manifestar esta glória que Jesus veio a este mundo; nesta terra obscurecida pelo pecado veio Jesus a revelar a luz do amor de Deus, para ser «Deus conosco». Por isso foi profetizado a seu respeito: «O seu nome será chamado Emanuel». (E.G. White).

S. João na sua primeira carta não só insiste que «é mentiroso aquele que nega que Jesus é o Cristo», mas acrescenta que «é o anti-Cristo esse mesmo que nega o Pai e o Filho» (I João 2:22). E volta, ainda, a repetir que «o anti-Cristo (adversário de Cristo) é aquele que não confessa que Jesus Cristo veio em carne.» (I João 4:3).

Jesus aceitou revestir a natureza humana quando esta se encontrava enfraquecida por quatro mil anos de pecado. Como todo o descendente de Adão,

aceitou Jesus os resultados da obra da grande lei da hereditariedade...

Também Deus permitiu que o Seu Filho viesse a este mundo sobre o qual Satanás reclamava o seu domínio; foi assim que nasceu o Filho de Deus, como uma criancinha débil e necessitada de toda a assistência, sujeita às fraquezas da humanidade; igualmente permitiu que combatesse a batalha, como todo o homem a deve combater, isto é, com o risco da derrota e da perda eterna». (E.G. White).

«Efectivamente, Jesus, no Getsémane perguntou a Deus se o cálix podia ser afastado. O Filho de Deus, homem, tremeu naquela hora difícil. A sorte da humanidade pendia na balança. Jesus podia, ainda, recusar-se a beber o cálix que pertencia ao homem pecador. Podia limpar do rosto o suor de sangue, e deixar o homem perecer na sua iniquidade. Jesus vê o destino que o espera, e toma a sua decisão. Salvará o homem a todo o custo. Aceita o seu baptismo de sangue, para que milhões de almas possam obter a vida eterna». (E. G. White).

Como decorre a infância de Jesus? A este respeito apenas encontramos dois versículos no Evangelho de S. Lucas. O primeiro diz:

«E o menino crescia, e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele». No segundo, um pouco mais adiante diz: «E crescia Jesus em sabedoria, e em estatura e em graça para com Deus e os homens».

Destes curtos versículos registados no capítulo segundo de S. Lucas resulta, com evidência, que, embora a sabedoria e a graça divina enchessem, desde o princípio, a humanidade de Jesus, esta teve, porém, os desenvolvimentos próprios da natureza humana, porque, de outro modo Jesus não teria sido um homem verdadeiro, semelhante em tudo, a nós, excepto no pecado.

E isto não se realizou só aparentemente, como muitos afirmam, mas na realidade, porque o Evangelista escreve que Ele crescia em idade, sabedoria e em graça, não só aos olhos dos homens, mas também diante de Deus.

É certo que, segundo o espírito e os métodos da vida escondida, se Jesus mostrava uma inteligência superior ao comum, e uma virtude e dignidade todas particulares, Ele, nem então, nem em seguida, até aos trinta anos, deu nenhuns sinais de sabedoria nem de poder sobre-humano.

Tanto é assim que, quando saiu para a sua missão pública, e regressou a Nazaré para aqui expor o seu programa messiânico, os nazarenos ficaram, a princípio, estupefactos, e depois indignados, perguntando a si mesmos, onde é que Ele tinha adquirido tanta autoridade e sabedoria, pois até àquella altura tinha vivido, como qualquer um deles, exercendo o humilde ofício de carpinteiro. Portanto devem rejeitar-se, absolutamente, os milagres — de resto absurdos e ridículos — que os evangelhos apócrifos atribuem a Jesus, na sua infância. O Senhor Jesus nunca fez um milagre para seu proveito, isto é, nunca exercitou o seu poder divino para proveito próprio. Todas as obras maravilhosas que realizou, durante o seu ministério tinham por objectivo o bem dos outros; se Jesus tivesse operado um milagre para as suas necessidades materiais, ter-se-ia anulado o plano da salvação, tal como havia sido pré-estabelecido.

Há que reter duas coisas: podemos, sem querer, negar a divindade de Jesus; e também podemos não confessar que Jesus tenha vindo em carne.

Quando Tomé lhe perguntou para onde ia e qual era o caminho, respondeu: «Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim». E já anteriormente dissera: «Eu sou a porta; se alguém entrar por mim, salvar-se-á».

Portanto, se Jesus é a porta que conduz ao Pai; se afirma, categoricamente, que não há nenhum outro caminho para se ir ao Pai — poderemos lá chegar, por outro meio? Por isso S. Paulo exclama triunfante: «Quem os condenará? Pois é Cristo, quem morreu, ou antes, quem ressuscitou de entre os mortos, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós». (Romanos 8:34). Também noutro passo escreve S. Paulo que o Filho de Deus

feito homem é o único mediador, porque fez tudo quanto era necessário para a reconciliação de Deus com o homem: «Há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem. O qual se deu a si mesmo em preço de redenção por todos». (I Timóteo 2:5, 6).

A estas afirmações tão explícitas podemos acrescentar a de S. João: «Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo, para que não pequeis; e, se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo». I (S. João 2:1). Também o conhecido S. Agostinho no seu livro «De civitate Dei» se exprime assim: «Quando um rei estabelece um intermediário entre a sua pessoa e o povo, o intermediário não gosta que as causas que por direito lhe foram confiadas pelo soberano, sejam tratadas por outras pessoas. Assim, quando Jesus Cristo foi constituído o Único Sumo Sacerdote e Intercessor junto do Pai, porque iremos pedir a outros».

Na qualidade de intercessor, Jesus apresenta-nos a Deus como seus irmãos e irmãs. Intercede a favor dos que creem n'Ele e o aceitam como um com o Pai.

E de que modo não confessamos que Jesus Cristo veio em carne?

Na introdução do Evangelho de S. João (cap. 1:14) lê-se: «E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade».

A multidão seguia Jesus porque havia sido alimentada com o milagre da multiplicação dos pães. Jesus, porém procurou ensinar-lhes a profunda lição espiritual do milagre dos pães: «Vós buscais-me, não pelos sinais que vistes, mas porque comestes do pão e vos saciastes. Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do homem vos dará... Eu sou o pão da vida». (João 6:26, 27, 35). No dia precedente, a multidão esfomeada havia sido alimentada por meio da multiplicação dos pães. Assim como o pão lhes havia dado força, assim Jesus Cristo

lhes podia dar a força espiritual para obterem a vida eterna. «Aquele que vem a mim não terá fome, e quem crê em Mim nunca terá sede». A imagem de que Jesus se serviu era familiar aos Judeus. Moisés, inspirado por Deus havia dito: «O homem não viverá só de pão, mas de tudo o que sai da boca do Senhor viverá o homem». (Deuterónimo 8:6). O profeta Jeremias também escreveu: «Achando as tuas palavras, logo as comi, e a tua palavra foi para mim o gozo e alegria do meu coração. (Jeremias 16:15).

Os próprios rabinos haviam dito que comer o pão, espiritualmente falando, queria dizer, estudar a lei e praticar as boas obras. Ouviam-se frequentemente, as seguintes palavras: «Quando vier o Messias, todo o Israel será saciado».

Vindo a habitar entre nós, Jesus devia revelar Deus aos homens. Era Ele a Palavra de Deus, o pensamento de Deus tornado audível.

«A Palavra de Deus é a semente; toda a semente tem em si um princípio germinativo; nela está encerrada a vida da planta; portanto, na Palavra de Deus está a vida. Jesus diz: «As palavras que vos digo são espírito e vida. Aquele que escuta a minha palavra e crê n'Aquele que me enviou, tem a vida eterna». Em toda a ordem e em toda a promessa da Palavra de Deus há uma força que é a própria vida de Deus, mediante a qual a ordem pode ser executada e a promessa realizada. Aquele que mediante a fé aceita a Palavra, recebe a vida e o carácter do próprio Deus. (E. G. White).

Uma vez que o Espírito é vida e as palavras de Jesus são vida, e uma vez que a carne corporal para nada serve, as palavras de Jesus e o seu Espírito tornam-se tudo na vida do indivíduo; portanto, discernir o seu corpo significa discernir o significado das suas palavras, que de resto estavam personificadas na sua carne. Este discernimento é possível mediante o Espírito. A Bíblia é a prova suprema de toda a doutrina; tudo o que não se harmonizar ou não estiver de acordo com a Bíblia, deve ser rejeitado. Todo e qualquer ponto de doutrina, mesmo que haja sido aceito como verdade, deve ser

Continua na página 15

Perigos das bebidas alcoólicas



Alcoolismo

por David A. G. de Ascensão e Esteves

Desde sempre têm existido locais para a venda livre de bebidas alcoólicas e sempre houve clientes interessados em adquiri-las. Porém, na última década do nosso século, o século do progresso, o século do cosmos, tem-se observado um extraordinário e alarmante crescimento do número de pessoas que ingerem bebidas alcoólicas em quantidades excessivas, ameaçando e mesmo arruinando as suas vidas. O alcoolismo assumiu, assim, a prioridade no campo sociopatológico, a ponto de os técnicos o considerarem um enorme problema, uma das mais sérias ameaças à humanidade, se, entretanto, não for debelado ou pelo menos travado em seu constante agravamento. Vejamos, entretanto, alguns dados estatísticos que nos vêm provar o pernicioso alastramento do alcoolismo. Em 1960, num inquérito dirigido nos Estados Unidos a cerca de 110 milhões de pessoas com mais de 21 anos, 68 milhões — *62 por cento da população* — usavam bebidas alcoólicas em forma e quantidades variáveis; apenas 42 milhões — *38 por cento da população* — eram abstêmios. Os bebedores foram classificados em 5 categorias como segue:

- 45.000.000 — bebedores ocasionais;
- 6.000.000 — bebedores moderados;
- 7.500.000 — bebedores habituais;
- 4.000.000 — bebedores avançados;
- 5.500.000 — alcoólatras.

O álcool é um dos maiores tóxicos, um dos maiores venenos que o homem tem à sua disposição. T. A. Edison afirmou com extrema razão: «Alcoolizar o corpo é como pôr areia nas engrenagens de uma máquina.» Há muita gente que afirma que o álcool não é pernicioso ao organismo humano, mas tal pensamento não corresponde à realidade. Mesmo tomado em pequenas doses os efeitos do álcool são incalculáveis e podem levar até à morte. Não há nenhum órgão que lhe resista, nenhuma célula que ele poupe, que não sinta os seus efeitos.

Por onde passa tudo é queimado, desde os lábios, que se tornam luzidos, belfos, arredondados, todos os tecidos vão sendo alterados e principalmente um sistema que se pode designar como o preferido pelas devastações desse tóxico — o sistema nervoso. Mesmo que a quantidade de álcool ingerido não seja suficiente para se traduzir em sintomas em nenhum outro departamento do organismo, os fenómenos nervosos e mesmo psíquicos revelam-se diferentes, desde a primeira libação. As libações que se seguem apenas acentuam estas diferenças, fixando-as e apresentando então o seu rótulo de identificação — «o vinho alegre de uns, o triste de outros, o agressivo, o provocador, o oratório, o patriótico, o libidinoso» no dizer do Professor Dr. Miguel Couto, notável cientista brasileiro. Segue-se a confusão mental, as emoções cerebrais, sobretudo delirantes. Diz ainda o mesmo cientista:

«Daí resulta que o viciado não tem carácter, no sentido filosófico da expressão; carácter é a consciência vigilante, e o álcool tira a consciência, tanto que é em Medicina Legal uma dirimente ou uma agravante; carácter é a substância mesma de cada um e o álcool a dissolve; o carácter é o aço da criatura que a torna sempre igual a si mesma em qualquer situação e o alcoólatra é cera inconsistente e amoldável».

As acções gerais do álcool no organismo iniciam-se logo após a sua ingestão. Chegado ao estômago imediatamente a sua acção se revela desfazendo uma defesa natural do organismo. A mucosa gástrica está revestida dum camada de muco, por ela própria segregada, que impede que o ácido clorídrico, necessário à digestão dos alimentos, actue sobre a dita mucosa. O álcool dissolvendo este muco, desfazendo esta defesa, pode conduzir a úlceras e até à digestão do próprio estômago pela acção do ácido clorídrico

num caso extremo. Começa já aqui no estômago a absorção do álcool, a qual termina no intestino, onde é absorvido completamente, só raramente aparecendo nos produtos de eliminação. Há quem afirme que em pequenas doses o álcool serve de aperitivo, facilitando, pela estimulação de secreções digestivas uma ulterior digestão, mas este efeito apenas mascara outros efeitos perniciosos que igualmente se iniciam. Terminada a absorção, ou melhor, à medida que esta se processa, o álcool passa ao sangue e chega ao cérebro onde desencadeia o seu mais notável efeito. Poderemos dividir a sua acção sobre o Sistema Nervoso Central em três fases:

1.^a Fase — caracterizada por uma sensação de euforia, bem-estar o optimismo. Apparentemente parece haver uma excitação, mas farmacologicamente este estado não corresponde a uma excitação real. O que se passa é uma depressão do poder de frenação — deprimiu-se o sentido do pudor da vergonha e da honra. Quanto mais nobres, mais elevadas, são as funções, os sentimentos, mais rapidamente são deprimidas, sendo as primeiras a ser afectadas. Disse certo estudante de química: «A honra é solúvel no álcool».

«O indivíduo experimenta uma exaltação ou modificação dos sentimentos afectivos, do estado emocional, com liberação dos impulsos, motivada pela abolição da censura» — Professor Dr. A. C. Pacheco e Silva.

Há quem afirme que esta fase é uma embriaguez brilhante, pois atribuem muitas obras de valor, muitas produções artísticas, à exaltação das faculdades criadoras gerada pela ingestão de bebidas alcoólicas. Os testes psicotécnicos, no entanto, provam precisamente o contrário, demonstrando uma diminuição da atenção, da concentração e sobretudo da coordenação muscular. Não exerce acção favorável sobre o trabalho intelectual.

2.^a Fase — fase da irritabilidade com discretos sintomas confusionais. Aumentando a dose ou à medida que chega ao cérebro mais álcool, a sintomatologia da primeira fase desaparece, havendo agora já uma evidente depressão. Deprime-se o sentido do equilíbrio, o indivíduo começa a cambalear tendo necessidade de alargar a base de sustentação para não cair — marcha atáxica ou ebríosa. A linguagem é agora incoerente; há incoordenação de movimentos; desaparece o tónus muscular; a palavra torna-se arrastada; a sensibilidade cutânea está globalmente comprometida; a ideação é morosa; a vontade está comprometida.

3.^a Fase — fase comatosa. Se a dose ingerida for excessiva ou se se seguirem novas libações, todas as funções nervosas superiores são deprimidas, caindo o paciente para não mais se levantar, mergulhando num sono profundo. Não dá mais acordo de si: perde a maioria dos reflexos; os esfínteres relaxados, permitem a emissão para o exterior de todas as substâncias de eliminação sem qualquer possível interferência da vontade. Pode então surgir a morte por inibição dos centros cardíacos e respiratórios

Estas três fases da embriaguez já há mui-

to são conhecidas, desde os antigos. Lombroso cita uma lenda árabe segundo a qual os primeiros a plantar a vinha teriam sido Adão e Noé, tendo o diabo, por maldade, adubado a videira com o sangue de três animais: o macaco, o leão e o porco, que representariam as três fases da embriaguez já citadas:

1.^a — indivíduo buliçoso e inquieto (como o macaco).

2.^a — impulsivo, agressivo e perigoso (como o leão).

3.^a — sórdido (como o porco).

Fazendo-se uso abusivo do álcool, os pacientes vão sofrendo, se não cessarem a absorção de bebidas alcoólicas, uma progressiva decadência física, intelectual e moral. Aparece então um quadro de desagregação global da personalidade — a demência alcoólica. Estes transtornos pedem mais e mais álcool. Para atenuar a severidade dos sintomas suscitados pelos excessos alcoólicos precedentes, o indivíduo vê-se forçado a prosseguir e a praticar ainda maiores abusos. Está nas garras do vício, caindo no ciclo vicioso. Afirma o Professor Dr. Emilio Mira Y López:

«Ao contrário do que afirma a opinião leiga, a ingestão de bebidas alcoólicas em forma habitual e progressiva ocasiona uma queda das potencialidades individuais, tanto do ponto de vista físico como do ponto de vista intelectual, afectivo, ético».

«Os defensores dos enormes interesses criados pelas indústrias de bebidas alcoólicas alegam que o álcool possui também propriedades benéficas (estimulantes, euforiantes, etc.) mas o certo é que tais supostas propriedades sòmente decorrem da sua momentânea acção inibidora do córtex cerebral e da consequente libertação de energias sub-corticais (instintivas, que constituem, por assim dizer, a 'reserva' energética do eu profundo). Por trás dessa aparente excitação, instala-se o verdadeiro e mais duradouro síndrome alcoólico, que lenta e inexoravelmente converte sua vítima em uma escrava do vício, reduzindo-lhe cada vez o poder da vontade e a capacidade de trabalho».

As acções secundárias do álcool são também importantes, sendo consideradas as causas primeiras ou pelo menos adjuvante de muitas enfermidades. Muitas cirroses, hepatites, gastrites e gastroenterites são de etiologia alcoólica. O aparelho circulatório sofre também os seus efeitos, originando entre outros efeitos, mau funcionamento cardíaco por deficiências de vitaminas do complexo B, que são consideradas as achas do álcool. Provoca um aumento da termólise e uma diminuição da termogénese. Causa nefrites, polinevrites (carências em B1 e B12) e graves perturbações psíquicas — delírios. Têm-se observado relações convincentes entre o álcool e as doenças em geral e duma maneira particular entre o álcool e a tuberculose. Dizem os médicos franceses: «O álcool prepara a cama para a tuberculose e a tísica contrai-se sobre o zinco, isto é, sobre o balcão do bar ou da taberna», Vejamos alguns dados estatísticos:

Continua na página 10

Histórias Africanas



Cristo e o Ladrão de Gado

A enfermeira Boghild Munderspach olhou pela janela do dispensário e viu uma multidão barulhenta que, nesse momento, subia uma pequena colina, igual a tantas outros no Tanganica. Fixou a sua atenção e verificou que o grupo era encabeçado por um polícia europeu. À medida que se aproximavam ela pode constatar que o agente da lei era acompanhado por um homem ligado a um dos seus braços por algemas. Logo atrás viam-se quatro homens levando uma tipóia aos ombros.

«Outro paciente», monologou a enfermeira. «Provavelmente houve outra briga e alguém foi apunhalado».

Entretanto o grupo chegou ao dispensário. Um homem, com a cabeça envolvida num trapo sujo e ensanguentado, jazia na padiola improvisada. O polícia não perdeu tempo com preâmbulos. Enquanto a enfermeira lhes indicava uma cama para nela deitarem o ferido, ele disse: «Enfermeira, faça tudo o que puder por esse desgraçado porque, se ele morrer, este homem algemado também terá de morrer porque foi ele quem esfaqueou o outro».

A enfermeira logo começou a trabalhar, sem perder um momento. Ajudada por um auxiliar africano, ela desinfectou e pensou os ferimentos, enquanto o polícia, o prisioneiro e a multidão se dirigiam para a esquadra.

«Houve *maka* na fronteira dos Ma-sai», explicou uma das testemunhas que ficara no dispensário. «Logo os homens puxaram das facas e Valiopa ficou nesse estado. Acha que ele conseguirá sobreviver?»

«Espero que sim», respondeu a enfermeira, «mas não posso dar a certeza. Ele está gravemente ferido. Fizemos tudo quanto estava ao nosso alcance mas serão precisos alguns dias para sabermos se ele resistirá».

Os dias que se seguiram foram peneiros de profunda ansiedade para o pequeno grupo de homens, amigos de Valiopa, que se instalara perto do dispensário. O ferido, por vezes, parecia reanimar-se para, logo em seguida, como que perseguido por uma má estrela, afundar-se num estado de inconsciência absoluta. Todos os dias, os seus amigos, preocupados, iam visitá-lo à enfermaria e fazer perguntas sobre o seu estado.

«Estamos a fazer tudo quanto é possível», assegurava-lhes a enfermeira. «Talvez ele sobreviva e talvez não. Vocês são parentes de Valiopa?»

«Sim» respondeu um. «Somos irmãos».

«Irmãos de sangue?», perguntou a enfermeira, sabendo que em África a palavra «irmão» pode significar tanta coisa!

«Bem, não exactamente», replicou o homem. «Valiopa é o nosso professor».

«Vosso professor? Vós não pareceis ter idade de ainda andar a estudar. Onde fica a vossa escola?»

Os homens entreolharam-se embaraçados.

«Minha senhora», continuou o que sempre falava, «nós, na verdade, não frequentamos escola alguma, embora Valiopa seja o nosso professor — ele ensina-nos a roubar gado».

«A roubar gado?», exclamou a enfermeira antes de se poder controlar. «Quereis vós dizer que Valiopa é um dos gentios que se dedicam a roubar gado aos Masai?

«Sim», respondeu o homenzinho embaraçado com o tom de voz da enfermeira. Na verdade, o roubo de gado imperava naquela região há muitos anos. Frequentemente, ferozes guerreiros Masai invadiam as sanzalas dos gentios locais e roubavam-lhes grandes manadas de gado. Outras vezes invertiam-se os papéis e eram os gentios que assaltavam os Masai. Por estranho que pareça, nessa região, roubar gado não era a profissão menos respeitável!...

À medida que os dias foram passando, o corpo retalhado de Valiopa foi respondendo gradualmente aos cuidados da enfermeira-missionária. As feridas iam-se fechando mas ainda era necessário que o paciente continuasse hospitalizado por mas algum tempo.

Todos os dias um evangelista da Missão, carregado com folhetos e rolos da Escola Sabatina, vinha visitar os doentes. A princípio visitou Valiopa no quarto e falou-lhe do Deus verdadeiro que habita nos altos céus. Mais tarde, quanto Valiopa já estava em franca convalescença, ia assistir aos cultos num pequeno barracão de capim, perto do dispensário. O obreiro utilizava-se das gravuras para contar mais vividamente a bela história do Evangelho.

Valiopa ouvia. Emocionava-se. Raios de luz começaram a brilhar nas trevas espessas do seu coração. Novos desejos nasceram dentro dele. A vida antiga já não lhe parecia tão atractiva. Ali descobrira um caminho melhor, um caminho que prometia maiores recompensas do que o de roubar gado. Naquele pequeno dispensário de Missão, Valiopa entregou o seu coração a Cristo.

Finalmente raiou o dia em que ele teve alta. Já estava suficientemente recuperado para ir para casa. Enquanto aguardava a chegada dos amigos e «alunos» que o vinham buscar. Valiopa e a enfermeira conversaram na varanda do dispensário.

«Que vais fazer agora, Valiopa?» perguntou-lhe ela.

Não houve a mais leve hesitação na resposta do ladrão de gado convertido: «A primeira coisa que vou fazer é restituir o gado que roubei aos Masai. Se, na verdade, vou ser um cristão, devo endireitar tudo o que fiz mal. Vou devolver o que roubei, como me ensinaram aqui».

Oraram juntos e, despedindo-se, Valiopa dirigiu-se para o seu velho lar e para a sua nova vida. Logo que se achou com forças, percorreu as aldeias onde tinha gado e reuniu 138 cabeças.

«Parece-me que é tudo quanto roubei» disse ele a um amigo. «Em breve vou iniciar uma longa jornada até às terras dos Masai».

Dias depois, Valiopa e os seus pastores subiam montanhas e atravessavam vales, conduzindo a manada à sua frente. O que lhes estava reservado quando chegassem às terras dos seus tradicionais inimigos era uma incógnita.

Os Masai são uma tribo nómada de guerreiros. Vivem do gado. Os principais componentes da sua alimentação são leite de vaca e sangue tirado da veia jugular dos animais.

Se alguém desejar insultar um guerreiro Masai não tem mais do que lhe perguntar pela sua lavra. Ele despreza a agricultura. O leite e o sangue, afirma ele, é quanto basta para o manter em forma. O número de cabeças de gado que ele possui é o índice de sua riqueza e posição social. Desta descrição dos Masai podemos compreender que não seria nada agradável o encontro que Valiopa procurava fazer...

Durante a viagem ele pensava em tudo isto. Compreenderiam eles as acções de um cristão convertido ou matá-lo-iam logo que o vissem, sem sequer lhe darem a oportunidade de se explicar?

«O que o futuro me reserva está nas mãos de Deus», pensou ele ao aproximar-se do local onde, provavelmente, encontraria os Masai. «Eu estou a fazer o que o Livro me manda fazer. Devo deixar as consequências com Deus».

Não teve que esperar muito. À distância, os olhos da lince dos Masai des-

coberam a aproximação da grande manada de gado. Fortemente armados, aproximaram-se para investigar. O sol brilhava sobre os músculos negros e aveludados daqueles guerreiros de cabeleiras engraxadas com uma massa vermelha e fétida. Numa dobra do terreno, esconderam-se no capinzal.

Os Masai reconheceram Valiopa e alguns dos seus homens. Já tinham tido recontros anteriormente. Levantando as lanças, preparavam-se para atacar quando Valiopa, pressentindo-os, gritou-lhes: «Esperai! Quero dizer-vos algo.»

Os Masai não estavam dispostos a cair numa emboscada. A sua experiência de guerreiros dizia-lhes que não era recomendável parlamentar.

«Uma palavra só», gritou outra vez Valiopa. «Deixai-me falar e matai-me depois, se quiserdes».

Algo na sua voz fez estacar os guerreiros.

«Eu vim para vos devolver o gado que vos roubei. Agora sou um cristão. Aprendi que é pecado roubar o gado alheio. Deixei a minha vida velha e resolvi restituir o que, por direito, me não pertence».

Os Masai ficaram estupefactos. Que ratoeira seria aquela? Que encobririam aquelas palavras? Mas o gado estava ali. Isso é que não havia dúvida. Eles podiam reconhecer os animais que lhes tinham pertencido. Os pastores não estavam armados. Resolveram avançar cautelosamente.

«Agora sou seguidor de Jesus», continuou Valiopa. «Eu sei que é difícil acreditar-me mas podeis ter a certeza que não vos estou a armar nenhuma cilada. Só desejo, como cristão, restituir o que roubei».

Os Masai olhavam espantados. Nunca, em suas vidas, tinham visto ou ouvido algo de semelhante.

Aproximaram-se e começaram a escolher o gado. «Este é meu»; «Este pertence-me»; «Esta é a minha novilha vermelha»; «Aqui está o meu touro preto». Depois de terem dividido o gado, começaram a dirigi-lo para as suas aldeias.

«Nunca vimos nada assim antes», Valiopa ouviu dizer a um dos guerreiros. «Também não», respondeu outro. «Não consigo compreender o que se passa,

mas o mais importante é que recebi os meus animais e isto sem luta».

Logo que os guerreiros e os animais desapareceram no horizonte, Valiopa ergueu a cabeça para o Céu e agradeceu a Deus aquela experiência que inundava a sua alma de uma alegria divina. Ele sentia-se em paz porque endireitara as coisas com Deus e com os homens.

Robert H. Pierson

ALCOOLISMO

Continuação da pág. 7

Nos anos de 1955 e 1956 observaram-se 3.870.000 homens cujas idades estavam compreendidas entre os 35 e 59 anos, bem como as causas dos 77.000 óbitos registados entre eles naqueles anos. As conclusões, bastante precisas, demonstraram, mais uma vez, que as proporções seguintes dos óbitos registados se deviam à alcoolização excessiva dos homens:

- 5 em cada 4 dos falecimentos por cancro (na sua maioria do aparelho digestivo)
- 3 em cada 4 dos falecimentos por hemorragia cerebral
- 1 em cada 4 dos falecimentos por doença do coração
- 9 em cada 10 dos falecimentos por doença do fígado e vias biliares
- 50% dos falecimentos por nefrite
- 2 em cada 3 dos falecimentos por morte violenta ou por acidentes
- 2 em cada 3 dos falecimentos por pneumonia

Estamos pois perante um enorme problema que importa resolver. Perante todos estes malefícios e muitos outros de ordem social que pertencem ao dia a dia, cumpre-nos, como jovens M. V. que marchamos sob a Bandeira de Emanuel, tomar a nossa posição em favor declarado da temperança. Cumpre-nos lutar contra a intemperança utilizando todas as armas de que dispomos. Luta sem quartel que importa manter com valentia, pois perseverando, a *Temperança* sairá vitoriosa e contribuiremos para o bem da Humanidade e do nosso querido Portugal.

A ESTRELA DE BELÉM

«Na toalha divinal do céu da Palestina
Esplende um novo sol de brilho aurifulgente,
Que enche a noite de luz maravilhosa e fina
E segue de Belém o rumo, suavemente.

Toda a Terra desperta e logo se ilumina
E se enche de alegria estuante e transcendente,
Que os anjos, na ampliação da celeste cortina
Estrugem num clamor mirífico e fremente!

E a estrela prodigiosa a todos deslumbrando,
Prossegue lentamente o recanto buscando
Onde a humildade é um poema enfeitado de luz

E onde, entre palhas vis, cumprindo a profecia,
Sob a luz maternal dos olhos de Maria,
Repousa, meigo e santo, o menino Jesus!»

Gonçalves Crespo

Boletim Adventista

REVENDO O PASSADO

Doze meses decorreram desde que nos propusemos dar especial atenção às nossas ofertas da Escola Sabatina.

No Conselho de Inverno da nossa Divisão, em Basileia, no ano passado, os nossos dirigentes uniram-se ao apelo da Conferência Geral para um aumento de 50% nessas ofertas, ou aplicação do plano dos 3% em donativos para a Escola Sabatina.

Decidimos concentrar-nos no Plano dos 3% a fim de apresentar a cada membro a conveniência de dadas sistemáticas e proporcionais em relação ao seu rendimento pessoal. Agora que um ano inteiro passou podemos deter-nos e analisar como se cumpriram as nossas decisões para que nos inspiremos a prosseguir.

Certamente é demasiado cedo para avaliar o progresso no fim de um período de doze meses. O melhor que temos a fazer nesta altura é estudar os resultados dos dois primeiros trimestres de 1965 e ver que progresso foi feito em comparação com os primeiros seis meses dos anos anteriores.

Ao efectuarmos isto para as primeiras metades de 1962, 63, 64 e 65 ficamos animados. As ofertas totais para esse meio ano cresceram visivelmente. O mesmo se pode dizer com os donativos regulares semanais durante os doze Sábados de cada trimestre e com as ofertas do Décimo Terceiro Sábado.

Os Dons Natalícios começaram a crescer, para depois diminuir um pouco.

Únicamente o Fundo de Inversão não progrediu.

Reconheçamos agora este facto: as nossas ofertas *deviam* aumentar, pois tem havido um constante desenvolvimento no número de membros de igreja e de membros da Escola Sabatina. Mais ainda, tem-se notado uma circulação de dinheiro mais livre, e os rendimentos vão aumentando; logo as nossas ofertas *deviam* naturalmente crescer, sem qualquer esforço especial da

nossa parte. Mas reconheçamos também que é cada vez maior a despesa de manutenção da Obra do Senhor, e que há um perigo iminente de as nossas dadas não acompanharem esse aumento de despesas.

Portanto necessitamos de continuar os nossos esforços para aumentar o nível dos donativos da Escola Sabatina para que o aumento das ofertas se torne maior que o das despesas.

Então, e nunca antes, podemos realmente fazer progresso e levar o Evangelho a lugares ainda não penetrados.

Como poderemos efectivamente aumentar essas ofertas? Os oficiais da Escola Sabatina podem promover os Dons Natalícios e o Fundo de Inversão. Podemos insistir no Plano dos 3%, como directriz dos nossos donativos.

Podemos providenciar que cada Escola Sabatina trabalhe com um alvo de ofertas trimestral. Podemos encorajar os nossos membros a dar sistemática e generosamente. Mas, melhor ainda, podemos prestar melhor atenção a dois aspectos não financeiros da vida da Escola Sabatina, que elevarão o nível espiritual de toda a Igreja. Primeiro: ao raiair um novo ano, podemos fazer um esforço especial para inscrever cada membro baptizado da Igreja na Escola Sabatina. Será difícil encontrar método mais eficiente no fortalecimento das nossas igrejas. Segundo: nós próprios devemos exercitar-nos em melhorar a frequência às Escolas Sabinas. Membros que não assistem à Escola Sabatina são geralmente membros fracos. Vamos trazê-los para a nossa escola. Não só eles beneficiarão mas também a própria escola beneficiará.

Que esta revisão do passado vos ajude a prosseguir em frente. Que 1966 revele um grande avanço em relação a 1965. Estaremos então mais perto do Reino.

B. E. Seton

Secretário da E. Sabatina
da Divisão Sul-Europeia

A Mensagem Adventista no Mundo

NOVA GUINÉ

«Um rapaz surdo-mudo das montanhas da Nova Guiné, totalmente analfabeto, aprendeu a mensagem do terceiro anjo por revelação especial. A história me parecia tão fantástica que me foi difícil acreditar nela. Estive ali poucos meses atrás e falei a este respeito com o irmão Tindall, que me disse: 'Bem, estive tão céptico como o senhor o está, mas fui procurá-lo. Esse jovem se comunica com seu pai mediante uma linguagem mímica. O pai sabe falar com êle e comunicam-se perfeitamente. O irmão Tindall levava consigo um jovem que sabia falar o dialecto usado pelo pai do rapaz. Afirmou o irmão Tindall: 'Pensei que criaria uma dificuldade ao jovem, perguntando-lhe o que fará Satanás durante o Milénio'. Esta é realmente uma pergunta difícil para muita gente no país, mas disse o irmão Tindall que 'o analfabeto rapazinho surdo-mudo ajuntou as mãos e pousou a cabeça sôbre elas, querendo dizer: Isto é o que Satanás fará durante o milénio'. Precisamente lá nas florestas da Nova Guiné usou Deus um jovem surdo-mudo para estabelecer uma sólida obra naquela área singular. O rapaz, seus pais e irmãos e muitas pessoas dos arredores são hoje membros de nossa igreja».

L. C. Naden

ALEMANHA

«Às vezes as pessoas estabelecem contacto connosco de maneira bastante singular. Ainda este ano, enquanto trabalhava de porta em porta, um evangelista da página impressa encontrou Renata Von Hassel, uma jovem senhora estudante de música. Ela lera o livro *Die Neue Pamela*. Neste livro é descrita a vida duma jovem adventista. Após a leitura, ela passou a viver em harmonia com a doutrina adventista e a observar o sábado. Não decorreu muito tempo até que fosse baptizada.

Em certa cidade, determinada senhora veio assistir às nossas conferências públicas. Jamais ouvira algo acerca de nossa mensagem. Num restaurante junto à estação do caminho de ferro achava-se assentado um jovem. Antes que ele iniciasse a refeição, fez uma oração silenciosa. Ela lhe dirigiu a palavra, e ele falou-lhe da sua fé e convidou-a para visitar nossa igreja. Ela o fez e posteriormente, foi baptizada.»

O. Gmehling

VIETNÃO

«Muitos dos membros de nossa igreja têm sofrido perseguição por causa da situação no Vietnã. Nove dos nossos colportores-evangelistas foram sequestrados. Sòmente dois retornaram. Os outros sete devem ser considerados perdidos, tendo feito o sacrificio supremo. Isto, porém, não desencorajou o nosso povo naquela terra. Em 1960 tínhamos 19 evangelistas da página impressa ali. Hoje temos 105.»

P. Sorensen

COLÔMBIA

Na Colômbia, destacado dignitário do exército está estudando com um de nossos membros leigos. Visitou recentemente os escritórios da Missão Madalena Superior para apresentar uma queixa. Primeiramente congratulou-se com a Igreja Adventista do Sétimo Dia pela mensagem que tem para o mundo — uma mensagem que possui poder para transformar vidas. Em seguida disse: 'Mas tenho uma queixa a fazer. Por que não estais pregando nas esquinas das ruas, nas praças públicas, por toda a cidade, nos autocarros, nos combóios, do cimo dos telhados — por toda a parte? Ponde de lado o vosso temor e pregai com denodo. Ofereceu então seus préstimos no caso de sermos perturbados pelas autoridades. Imaginai semelhante ordem de marcha partindo de alguém não pertencente às nossas fileiras, em um país que tem sido chamado de a mais preciosa jóia da coroa do papa!»

C. L. Powers

EGIPTO

«Prosseguem as conferências públicas no belo centro evangelístico que possuímos no Cairo, com 27 baptismos ali no passado ano e meio. Um próspero homem de negócios decidiu-se pela verdade. Certa noite, quando chegou ao seu lar, encontrou a porta trancada. Naquela noite dormiu num hotel. Vieram depois os seus e disseram-lhe: Nós te renegamos. Não tens mais parte no negócio. Não podes entrar em casa. Tudo quando te resta são os adventistas. Retrucou êle: 'Graças a Deus, tudo quanto necessito é o Senhor Jesus'.

Pensamos que devíamos descobrir algum plano financeiro para ajudar esse bom homem, mas antes que pudéssemos falar com ele, apresentou-se no nosso escritório, retirou do bolso um volumoso envelope de dízimos e disse: «Tenho outro negócio agora. Algum dia abrir-se-ão as portas de minha casa, e minha família me acolherá; então poderei começar a trabalhar com eles a fim de conduzi-los a Cristo. Ele foi convidado a defender a fé numa grande assembléia... Assim, perante numeroso grupo de homens assentados em torno de vasta mesa, pôs-se o nosso irmão de pé, com a Bíblia na mão. Empunhando uma faca, seu filho irrompeu por uma porta dos fundos e o atacou pelas costas. Não fora a intervenção de um amigo, e ele o teria morto. O bom homem continuou a trabalhar. Retornou ao seu lar e começou a ensinar a esposa. Possuído de espirito bondoso, mostrou-lhe a verdade, e ela foi baptizada. Em seguida, ambos viram uma filha entrar nas águas baptismas, depois outra e ainda mais outra. Todos menos o filho foram baptizados. Presentemente o pai está dando estudos Bíblicos ao rapaz. Alguns dos mais prósperos comerciantes do Cairo estão aceitando a verdade».

R. A. Wilcox

Notícias do Campo

Reuniões de Reavivamento Espiritual em Moçâmedes

Por toda a parte em cada ano muitas almas convencidas de seus pecados, se entregam a Cristo reconhecendo-O como o único Salvador. Tal facto nos não surpreende, pois sabemos que o Senhor está operando de modo maravilhoso para que nestes tempos memoráveis que decorrem, o mundo reconheça que Jesus voltará a este mundo de dores.

Através do Boletim, têm os seus leitores tomado conhecimento do modo como a proclamação da Mensagem tem progredido em S. Tomé e Príncipe, e em Angola, de um modo muito particular nestes últimos anos.

As reuniões de reavivamento muito têm produzido a favor da causa do Evangelho. No interior da Província e nas cidades, o seu efeito se tem manifestado notoriamente.

A nossa congregação da cidade de Moçâmedes, a exemplo das demais congregações europeias, teve a sua reunião. Durante os dias cinco a sete de Novembro, os corações dos nossos Irmãos moçamedenses vibraram mais fortemente e de uma maneira que havia alguns anos não acontecia. Os delegados enviados pela nossa Direcção de Nova Lisboa, os pastores Everet Jewell e Joaquim Morgado, foram os instrumentos que o Senhor usou para que, na verdade tivéssemos o conforto tão ansiosamente aguardado. Efectivamente, tal se operou e o Espírito Santo esteve no meio de nós.

A assistência às reuniões foi animadora, e as mensagens na sua inspiração foram grandemente oportunas. No início das reuniões tivemos o privilégio de realizar a primeira cerimónia de casamento celebrada na nossa igreja desta cidade. Os Irmãos David Amarué e Miriam Israel uniram as suas vidas sob a bênção de Deus, tendo testemunhado ao acto civil os Irmãos diáconos Bernardino Nunes e Esposa.

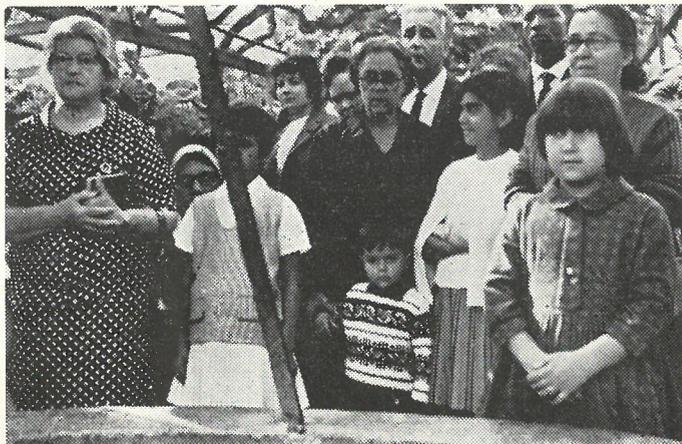
Para fecharmos com chave de ouro, na tarde de domingo, o pastor E. Jewell com a colaboração do pastor J. Morgado, ministrou o baptismo a três almas que anelavam entregar-se a Cristo Jesus. Palavras, não podem descrever os sentimentos que encheram de gozo todos os presentes, durante tão solene acto, testemunhado por um belo grupo de Irmãos.

Nesta breve descrição do que foi passado entre a nossa congregação, desejamos mani-

festar o nosso apreço às prezadas Irmãs que tão eficientemente contribuíram com os seus cânticos para que às reuniões não faltasse a menor parcela de espiritualidade. Que o Senhor as abençoe, pois!

Plenamente certos de que traduzimos o sentir de todos os membros da congregação de Moçâmedes, aqui deixamos a expressão de nossos mui penhorados agradecimento à Direcção da União, em Nova Lisboa, pela vinda até nós dos seus delegados pastores Everet Jewell e Joaquim Morgado.

E, agora prezados Irmãos de Moçâmedes: Mãos à obra, como nos disse o Irmão Morgado, sejamos uma igreja activa; e preparemo-nos para as reuniões do próximo ano, fazendo tudo quanto esteja ao nosso alcance



Parte da assistência aos baptismos

para que nessa ocasião não tenhamos apenas três candidatos ao baptismo, mas sim muitos mais...

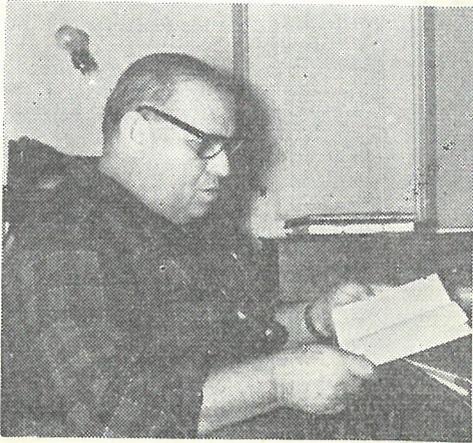
O Trabalho dos Leigos

Ninguém duvida do valor inestimável representado pelo trabalho que os obreiros leigos das nossas igrejas realizam, quando devotados à causa do Evangelho de alma e coração. Muitos que hoje disfrutam das bênçãos de sua adesão à nossa igreja, tiveram os primeiros contactos com a Verdade através de irmãos zelosos que, como diz a Senhora White, «saíam pelas estradas e encruzilhadas do mundo, transmitindo a mensagem que receberam».

Em todas as igrejas os nossos membros têm por hábito saírem aos Sábados de tarde e aos Domingos, visitando hospitais, casas de saúde, prisões e casas particulares levando com algumas flores palavras de amor e simpatia,

uma mensagem de alegria e de esperança, a uma pobre mãe doente, a uma criança vítima de mal incurável, ou a um chefe de família que, numa ocasião de infelicidade perdeu por algum tempo a liberdade. Qualquer de nós poderia narrar experiências inúmeras deste género vividas pelos membros das nossas igrejas.

Hoje desejo chamar a atenção dos preza-dos leitores para um caso digno de nota. Temos na cidade de Moçamedes um irmão que, impossibilitado por doença crónica de andar livremente, não tem deixado, contudo, de bem aplicar os talentos que o Senhor lhe confiou. Não podendo caminhar, mas unicamente arrastar-se firmando-se em duas bengalas, para vencer a curta distância que o separa do carro e depois subir uns poucos de degraus da igreja, quando ali vai aos Sábados e noutros dias, encontra-se impossibilitado de «sair pelas estradas e encruzilhadas do mundo, transmitindo a mensagem que recebeu». Todavia, dentro de sua casa, sentado à sua secretária tem feito e está fazendo um trabalho digno de encómios.



O irmão Leão da Encarnação lê as suas Meditações Matinais

Trata-se do irmão Leão da Encarnação, natural de Lisboa e residente nesta cidade há 43 anos. Foi aqui durante 12 anos membro da igreja evangélica, tendo em seguida os primeiros contactos com a Mensagem Adventista por meio do pastor Américo Rodrigues, vindo a descer às águas baptismas em Maio de 1961.

Entre as pessoas que utilizam os serviços do irmão Leão como orientador comercial, pessoas há que gostosamente o escutam sobre assuntos religiosos. Mesmo amigos e conhecidos o procuram exclusivamente com o desejo de o ouvirem dissertar sobre as Escrituras. É um obreiro leigo verdadeiramente entusiasta. Enquanto expõe a Palavra de Deus esquece-se de seus padecimentos físicos, que por vezes são mui dolorosos.

Com frequência o irmão Leão da Encarnação ao tratar de algum assunto comercial, se interrompe e, como que a propósito fala do

Evangelho ao seu interlocutor. Entusiasma-se e o seu cliente escuta um substancial estudo bíblico. Com esta sua maneira de compartilhar a fé, o irmão Leão tornou-se uma pessoa muito simpática e estimada tanto entre nós como entre pessoas de outros credos religiosos.

Quando nos dispomos a visitar este irmão, temos que antecipadamente contar com uma visita de, pelo menos uma hora. Ele nos prende com o seu entusiasmo e o escutamos com interesse. Fala-nos das suas conversas com esta ou aquela pessoa, ou até de suas pequenas discussões com uma ou outra pessoa sobre assuntos de nossa fé. Gosta de nos consultar a a respeito de passagens escriturísticas de que entende menos. Assim ocupados com este bom irmão, se nos descuidamos, a hora que lhe tínhamos dedicado já vai longe.

Pela consideração que este amigo nos merece, não desejo deixar de fazer esta referência ao seu trabalho voluntário, apontando-o mesmo como um exemplo a seguir. Hoje, o irmão Leão da Encarnação não pode fazer uso livremente das suas pernas para «sair pelas estradas e encruzilhadas...» mas nesse grande dia que se apressa, ele voará com o seu Senhor pelos espaços juntamente com aqueles que por seu meio foram trazidos para a salvação em Jesus. Que o bom Deus nos ajude a usar também os nossos talentos por amor dos que jazem na escuridão!

Moçamedes, Novembro de 1965

Victorino Chaves

E o Verbo se fez Carne

Continuação da pág. 5

confrontado com a Lei e com o Testemunho; se não estiverem de acordo com estas duas normas, quer dizer que «não têm nenhuma luz».

«A lei de Deus é a expressão da Sua mesama natureza; é ela a representação do grande princípio de amor e como tal é a base do Seu governo no Céu e na terra. Se os nossos corações forem renovados e ficarem aptos a aceitar o amor divino, não conseguiremos nós obedecer à Lei de Deus?...

A obediência, entendida como serviço e fidelidade ao princípio do amor, é um verdadeiro sinal do discipulado; por isso diz a Sagrada Escritura: «E nisto sabemos que o conhecemos: se guardarmos os seus mandamentos». (E. G. White).

Visado pela Censura

Boletim Adventista

Departamento dos M. V. da União Angolana dos A. S. V.

CONCURSO DE TEMPERANÇA

O Concurso de Temperança promovido pelo Departamento da Juventude da nossa União despertou o maior interesse, como é natural. Foram recebidos cerca de uma centena de trabalhos. O júri teve uma árdua tarefa em classificá-los mas procurou, dentro dos limites humanos, ser o mais justo possível.

Queremos salientar o trabalho do Ir. David Esteves, nosso estudante de medicina na Metrópole que, por estar acima do nível dos outros trabalhos apresentados recebeu um prémio extra-série. Podemos lê-lo na página 6 deste Boletim.

Não foram atribuídos prémios a poesias porque poucos foram os que concorreram e aqueles que o fizeram apresentaram trabalhos que, na verdade, não preenchiam os requisitos . . . Esperamos que a nossa juventude possa ganhar mais gosto pela poesia que é um exercício de linguagem de primeira ordem e o meio de expressão mais sintético e mais belo que existe.

Eis a lista das classificações:

MISSÕES

IGREJAS

I — COMPOSIÇÃO EM PROSA

grupo A	1.º João Francisco, Bongo
	2.º Manuel Lopes, S. Tomé
	3.º Marcolino Avelino, Luz
Menção honrosa — Alexandre Pitar, Quicuco	
grupo B	1.º Paulo Lot, Bongo
	2.º Tomaz Sabino, Quicuco
	3.º Aguinaldo Isaías, Luz

grupo A	1.º José Alberto Caria, Colégio
	2.º Maria Amélia Vale, S. da Bandeira
	3.º Maria Luiza Morgado, Colégio
grupo B	1.º Manuel Coelho Silva, Benguela
	2.º Carlos Manuel Dias, N. Lisboa
	3.º Euletério Pinheiro, N. Lisboa

II — ILUSTRAÇÃO OU CARTAZ

grupo A	1.º José Belchior, Quicuco
	2.º Faustino Dias Bernardo, Quicuco
grupo B	Não foram atribuídos prémios

grupo A	1.º Virgílio C. R. Alves, Colégio
	2.º Ana Maria Sincer, Benguela
	3.º Nelson Esteves, Colégio
Menção honrosa — Eduardo Seixas, Benguela	
grupo B	1.º Silvestre S. Sebastião, N. Lisboa

III — POESIA

Não foram atribuídos prémios

IV — DIÁLOGO

grupo A	Não foram atribuídos prémios
---------	------------------------------

grupo A	1.º António F. Saraiva, N. Lisboa
	2.º Maria Isabel G. Santos, Colégio

O Júri: *J. A. Morgado*
J. M. Miranda
J. E. Rodrigues

Natal de 1965

*Pobre menino Jesus!
Homens e bois Te adoraram
e, mais tarde, numa cruz,
homens Te martirizaram.
Vinte séculos depois,
os homens, não melhoraram,
e ainda são mansos os bois...*

João Seraiva

«Não temais: eis aqui vos trago boa nova de grande alegria, que será para todo o povo: é que hoje vos nasceu na cidade de David o Salvador, que é Cristo, o Senhor».

Lucas 2:10, 11



Aproxima-se a quadra natalícia, quadra de Paz e de Amor, mensagem de Redenção e Fraternidade;

BOLETIM ADVENTISTA

deseja a todos os seus Prezados Assinantes, Leitores, Amigos, e Suas Excelentíssimas Famílias um Natal muito feliz e um Ano Novo muito abençoado.